



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

RASTROS AUTOFICCIONAIS EM A *MENINA QUE VEM DE ITAIARA*

Joel Cardoso¹

Larissa Fontinele de Alencar²

Resumo:

O artigo retoma a trilogia de Lindanor Celina, escritora bragantina e cidadã do mundo, composta pelas obras *Menina que vem de Itaiara*, *Estradas do Tempo-Foi* e *Eram seis assinalados*, fazendo um breve preâmbulo e detendo-se, com mais vagar no primeiro volume da tríade. Buscamos, nessa narrativa autoficcional, refletir como traços afetivos (socioculturais) e espaciais (espaçiotemporais) da cidade de Bragança se fazem presentes na imaginária Itaiara retratada nos três compêndios pela escritora. Ao se reportar a acontecimentos socioculturais que (ainda hoje) caracterizam a realidade local, verificamos, no contexto narrativo, como se tornam tênues as linhas que delimitam ficção e realidade ou por onde transitam tais instâncias.

Palavras-Chave:

Lindanor Celina, *Menina que vem de Itaiara*, *Estradas do Tempo-Foi*, *Eram seis assinalados*. Autoficção.

Abstract:

The article recaptures the trilogy of Lindanor Celina, a writer from Bragança, of course, and a citizen of the world, composed by the works

¹¹ Professor da Graduação e Pós-Graduação do ICA (Instituto de Ciências da Arte), da UFPA.

²² Mestre em Linguagens e Saberes da Amazônia, Programa de Pós-Graduação do Campus Universitário da UFPA, em Bragança, onde atua como professora de Literatura e suas interfaces. É professora da rede pública.

Menina que vem de Itaiara, *Estradas do Tempo-Foi* was and *Eram seis assinalados*, making a brief preamble and stopping, more slowly in the first volume. We seek, in this autofictional narrative, to reflect how affective (socio-cultural) and spatial (spatial-temporal) traits of the city of Bragança are present in the imaginary city Itaiara portrayed in the trilogy by the writer. When referring to sociocultural events that (still today) characterize local reality, we find, in the narrative context, how the lines that define fiction and reality, or where such instances transit, become tenuous.

Key words:

Lindanor Celina. *Menina que vem de Itaiara*, *Estradas do Tempo-Foi* e *Eram seis assinalados*. Autofiction.

As malhas da ficção que delineiam bordados do real

Evidente que a vida é tudo entremeado, sal de lágrimas, mel de riso e as amarguras dos desesperos, dos ciúmes...

Lindanor Celina³

Menina que vem de Itaiara (1963), *Estradas do Tempo-Foi* (1969) e *Eram seis assinalados* (1994) são os romances que compõem uma trilogia escrita por Lindanor Celina. Protagonizando as três narrativas, temos a figura de Irene. Como pano de fundo, temos na então pacata cidade de Bragança o espaço privilegiado das narrativas. No primeiro livro, Irene menina e o mundo de Itaiara (Bragança); no segundo, a adolescente, interna em um Colégio de Freiras em Belém e, finalmente, no terceiro, a personagem adulta que retorna às suas origens. Das obras, a mais famosa é, sem dúvida, a primeira. *Estrada do Tempo-Foi* cobre o período da adolescência, quando, interna em um Colégio tradicional de Belém, dirigido por religiosas, a personagem descobre a sexualidade, os anseios das primeiras paixões, inquietações que, mais tarde, repercutiriam e a acompanhariam em sua trajetória. Em *Eram seis assinalados*, a personagem, agora adulta, retorna a Itaiara. Dos volumes que compõem a trilogia esta é, quanto à forma, quanto ao conteúdo, quanto à linguagem utilizada, o texto mais ousado, mais transgressor, mais à margem do tradicionalismo literário vigente. Foi escrito de forma contínua, sem interrupções, sem demarcações, cuja escrita envereda, psicanaliticamente, por trilhas mais modernas.

³³ CELINA, L. 1994, p. 27.

O contexto bragantino

A casa que não é mais, e só persiste na memória, reinventada para cenas que não é mais, e só persiste na memória, reinventada para cenas que nem tu própria sabes se foram vividas algum dia, ou tiradas do nada... com um mínimo de recheio do que teria sido real, mas teria mesmo sido?

Lindanor Celina⁴

Bragança é uma cidade com uma forte tradição religiosa. Com ares de modernidade, respira ainda ressaibos de um passado que insiste em permanecer. Como toda cidade interiorana, os hábitos, os costumes, a fala, o ritmo cotidiano da vida, a cultura, as festividades, a religiosidade, o diz-que-me-diz-que, se fazem ainda muito presentes. O santo mais reverenciado em Bragança é São Benedito. Das festas locais, a mais tradicional é a Marujada. “Onde coisa mais original que a marujada?”, pergunta-se a narradora em *Eram seis assinalados* (1994, p. 84).

Ligando os fios do passado, esta obra se ambienta novamente em Itaiara. E a cidade se mostra em suas especificidades:

Agora é esta cidade, é esta casa. E as comadres pelas portas e pelas janelas e na banca da tacacazeira e na calçada de São Benedito e na cabeça da ponte e para os lados de Sapucaia e na Boca-da-Estrada e na Quitanda do Ovo. Na estrada de Rodagem, na praça da estação, no campo de futebol, no caminho da Lagoa, na subida do morro e no largo da Matriz, na casa dos padres, naquele quarto para onde ele a mandou (CELINA, 1994, p. 14.).

Lugares da memória que formam os rastros de Lindanor em Irene. Uma Itaiara nas tramas ficcionais entremeadas em sua Bragança

de memórias pueris, quando menciona as férias em Ajuruteua (1994, 25) e a famigerada Praça de São Benedito (1994, p. 37) e tantas outras passagens de seus textos.

“Meu medo é que sigas sempre desse jeito, atraindo abismos”⁵

Refletindo sobre as três obras, propusemos uma associação reflexiva. Uma trilogia lítero-musical. Três obras expressivas. Três movimentos existenciais e narrativos distintos. Linearmente, numa gradação que se quer (e se sabe) ascendente, três tempos/compassos diferentes. Uma dança espacial/temporal: Itaiara/Bragança, Belém, e, novamente, Belém/Itaiara/Bragança. Como numa sonata, a obra se estrutura, num crescendo, em três mo(vi)mentos distintos. O primeiro – *allegro* –, representativo do entusiasmo, da alegria do despertar da existência (a infância). O segundo mo(vi)mento, - *adagio cantabile* – uma parada reflexiva, uma preparação para os embates posteriores (a adolescência). Mo(vi)mento mais lento, mais denso, mais expectante, de descobertas, de auto afirmação, de formação, de reorganização dos “pensamentos, pássaros soltos” (1994, p. 202). Polifonicamente, com quatro vozes narradoras, *Estradas do Tempo-Foi* é, também, sugestivamente, estruturado formalmente em quatro momentos (“Livro de Irene”, “Livro de Heloísa”, “Livro de Aldora” e “Sor Nogueira”). Momento em que se “arrumava as gavetas de as alma” (1994, p. 175). Evidenciando o *grand finale*, o terceiro

⁴CELINA, L. 1988, p. 150.

⁵⁵CELINA, L. 1994, p. 117.

mo(vi)mento – *vivace* –, a culminância de uma trajetória que se vê marcada pelas intempéries da vida (a maturidade). Retomada dos tempos vividos, é, indubitavelmente, fase de reflexões, de (auto) questionamentos, de constatações óbvias: “(...) Irene!, ignoras que um vivente não se pode descolar completo do seu passado, principalmente do chão da sua infância – sem morrer, sem matar o que nele existe de mais entranhado e verdadeiro?” (1994, p. 113).

Já no título *Eram seis assinalados* se impõe como uma força semântica sugestiva e vem, intertextualmente, associado a simbologias que conhecemos. Instaura, de imediato, um contraponto com textos religiosos. Lembra-nos o livro do Apocalipse que, por sua vez, nos remete ao Gênesis. Isso logo é confirmado pela epígrafe do livro: “Ouvi então o número dos assinalados: cento e quarenta e quatro mil assinalados de toda a tribo dos filhos de Israel” (Apocalipse de São João, 7, 4). A obra evidencia um prenúncio demarcado: “certo é que havíamos de ser nós os seis assinalados pelo dedo do anjo negro, nossa porta por ele marcada” (1994, p. 67). “Estas paredes destilam o drama. Somos seis assinalados” (1994, p. 187).

“Quem foi que disse que a lembrança do bom tempo não é mais o bom tempo, ao passo que a amargura é sempre a amargura? Passado, coisa péssima. Se foi mau, queima a alma. Se foi doce, serve para se comparar ao presente e se carpir mais” (1994, p. 64). Essa reflexão de Irene nos revela que das lembranças “do bom tempo” que surgem os rastros autoficcionais de Lindanor Celina em suas

obras, cabe entender o seria o rastro, enquanto metáfora da memória se configura como uma “presença ausente”, afinal quem deixa rastros, não faz com objetivo de transmitir uma significação, os rastros são pistas jogadas ao vento, como diz Gagnebin (2006, p.113) “rigorosamente falando, rastros não são criados - como o são outros signos culturais e linguísticos -, mas, sim, deixados ou esquecidos”. Assim, enveredamos em caminhos de uma trilogia entrecruzada de rastros autoficcionais que nos levam as encruzilhadas literárias.

Menina que vem de Itaiara: memórias sinestésicas...

Obrigada pelos recortes de Bragança que evocaram tantas recordações da Marujada. A minha sal-dade é assim: só sal de lágrimas.

Lindanor Celina⁶

Sob a luz de Lindanor Celina e suas memórias sinestésicas, recriamos e vivenciamos uma cidade-palavra que tem um cheiro de claridade, que se respira sol. Esta é a Itaiara de Lindanor, tão ficcional quanto real, afinal, tem um prefeito, tem um disfarce, tem cheiro, tem luz. Ao se referir a ela, a autora assim se expressa:

Menina que vem de Itaiara... Itaiara não existe, eu inventei... como Pasárgada, que o Manuel Bandeira disse “vou me embora para Pasárgada” Pasárgada é um reino impossível onde tudo bom acontece, nada de amargo ... e eu botei Itaiara, mas era a minha cidade de Bragança que eu disfarcei por que se não seria presa ... quando o

⁶ Trecho de uma carta enviada a Maria de Belém Menezes, publicado em TUPIASSÚ, Amarílis; PEREIRA, J. Carlos; BEDRAN, Madeleine (Org.). *Lindanor, a Menina que Veio de Itaiara*. Belém: SECULT/PA, 2004, p. 51.

romance aparecesse o prefeito mandaria me prender, por que ele estava no romance... realmente deu um bolo... mas estava disfarçado com o nome de Itaiara, não sei porque, achei bonito, achei que essa palavra cheira, cheira a claridade.⁷

As referências ao mundo real e ao ficcional são quase indissociáveis, um nos leva ao outro. Vida e obra de Lindanor Celina dialogam permanentemente, se agregam, se misturam, se interseccionam. Impossível não notar em seus textos lances das suas experiências, rastros de suas memórias, impressões de viagens, que fazem de Lindanor, além da romancista excepcional, uma habilidosa cronista. Nela, a vida se engendra artística e literariamente. Linda, como autografava seus livros aos mais íntimos, desfia em seus textos a emotividade de quem observa o mundo e também o experimenta com livre constância.

A obra *Menina que vem de Itaiara* é o seu primeiro experimento romanesco. Abre caminhos para *Estradas do tempo-foi* (1971) e *Eram seis assinalados* (1994), delineando o percurso literário de uma personagem-narradora, que, em primeira pessoa, permite a constatação de rastros de si mesma e de outros nos (des)caminhos narrativos que percorre. É portadora de uma escritura única, cuja veia cronística evidencia relances autobiográficos e ficcionais. Fala de si mesma como se dela adviessem os fatos. Os atos ficcionais surgem amalgamados à sua necessidade de expor um

pouco das suas experiências para os outros. A menina Lindanor cruza as narrativas, transveste-se de Irene, a narradora-personagem que relata percursos de adolescer em terras de uma Itaiara tão Bragança. O texto, um álbum de retratos da memória, desvela rastros de tempos passados.

Com prefácio de Dalcídio Jurandir, a primeira edição da *Menina que vem de Itaiara* chegou ao panorama literário paraense, que sinestesticamente percebe o romance e o revela com as sensações de quem o concebe literariamente como metáforas de um tempo que se foi, mas que permanece guardado na memória. Dalcídio reitera as sensações na feitura do próprio texto e nos abre os olhos para um romance que “foi feito à mesa de jantar, entre atender às crianças e destampar a panela, em manhãs de Belém ou durante a sesta, daí um odor de varanda e caramanchão de almofada de rendas e rede armada debaixo da mangueira, de meninas suadas chegando da escola, que o livro tem” (JURANDIR, 1963, p. 03). Tais sensações nos permite acompanhar as lembranças infantis, recordações de Irene, sua memória afetiva e olfativa, sentir os cheiros de casa antiga, adentrar a casa aconchegante da avó, nas tardes quentes e nos cotidianos odores de gente.

A *Menina que vem de Itaiara* segue um percurso autoficcional. Não por acaso, o amigo e escritor Lúcio Flávio Pinto, no início de uma crônica dedicada à autora, afirma que “a maior criação da escritora Lindanor Celina foi a personagem Lindanor Celina. Quem a conheceu sabe do que falo. Quem jamais a viu, não sabe o que perdeu” (PINTO, 2003, p. 10).

⁷ Transcrição da fala de Lindanor Celina, em vídeo divulgado pela revista francesa (on-line) *Plural Pluriel*, número 9, "Amazonies brésiliennes". Disponível em: <http://www.pluralpluriel.org>. Publicado em 17 de junho de 2012. Acesso através do link: <http://www.youtube.com/watch?v=pfARSNx4RaM>, em 30 de agosto de 2013.

A personagem Lindanor, extrapolando os meandros ficcionais, segue seu trajeto autobiográfico e reaviva, no seu percurso literário empreendido, os rastros da memória.

O jogo ficcional, que engendra as relações entre autor e narrador-personagem, se reveza na construção de uma narrativa permeada de lances memorialísticos e assumem um teor ficcional. A autora, ao se permitir recordar, traz à tona suas vivências, no entanto, isso não significa dizer que se trata de uma obra puramente memorialística: o encontro com a memória estabelece um acordo lírico-ficcional que se forma na tessitura do texto literário.

Bragança e as festividades religiosas

Para ratificar as raízes da realidade na ficção, em *Menina que vem de Itaiara*, valemos de uma passagem em que a narradora-personagem relata suas impressões sobre Festividade da Marujada de São Benedito, uma micronarrativa, que se intercala à trama do romance, em que a narradora pinta, com nuances realistas, os locais da festa. Traz à tona formas, cores, sons, movimentos, pessoas. E assim, registra literariamente o largo de São Benedito, a igreja, a barraca (em que marujos festejam), o tradicional leilão, e tudo mais: “acabada a novena, ou saídas da igreja, onde havíamos ido dar uma espiada ao presépio, ouvir o ‘Tantum Ergo’ [...], e ia-me sentar também, comportada feito gente, nos bancos que rodeavam o leilão” (CELINA, 1996, p. 174). Uma cena que, em sendo de Itaiara, é, também, tão Bragança.

Outra passagem interessante narra as impressões de Irene sobre um leilão: “Era lá futuro, ficar sentada no meio de gente velha, no banco de pau, ouvindo a cantilena monótona do Ludovino, leiloeiro, nos lances: “Está em cinco mil réis o cacho de pitomba, em dez mil réis! Está em quinze mil réis o cacho de pitomba!” (CELINA, 1996, p. 174). O leilão típico da Marujada bragantina, com cachos de pitomba que podem valer uma pequena fortuna, fruta típica do período em que se realiza a festa, é uma tradição que perdura até os dias de hoje.

As imagens da festividade evocadas por Irene formam um mosaico de cores culturais, referencialidades dos acontecimentos de uma Bragança do passado, que se mantêm viva no presente: o leilão de cacho de pitombas, uma cidade permeada por um rio (o Caeté), a dança do retumbão, as referências à capitoa da Marujada, os cantos cadenciados dos negros esmoladores, as ladainhas rezadas à beira da igreja... Enfim, poderíamos enumerar outras muitas passagens que nos encaminhariam do mundo externo para o mundo ficcional evocado pelo texto.

Parece-nos, num primeiro momento, que a obra registra uma autobiografia, mas devemos atentar, como leitores, para os lances de memória. Entendemos, então, que, no pacto entre autor e leitor, a ficção constituir-se-ia no elo, no cerne, no sangue basilar da narrativa. Os rastros das lembranças transmutam-se em ficção, que advêm eivadas de metáforas. É interessante, ante essa discussão, observar a declaração da própria autora, no momento em que explica a relação nítida entre Itaiara e a

cidade de Bragança. Ela nos elucida e aponta a sua invenção literária.

Os fios da memória tecem, harmoniosamente, a narração de Irene. Na expressão da subjetividade, carregada de experiência ficcional, ela nos conta, nos pequenos quadros narrativos que (re)cria, vários momentos de sua infância em Itaiara. Os rastros de si compõem uma teia real, cujos fios se inter-relacionam para organizar a ideia de um espaço sociocultural.

Assim, pela voz de Irene, regressamos ao seu passado e, junto com ela, o vivenciamos, formando a trajetória de uma vida que se estrutura, misturando-se à história de um lugar. A narradora, na expressão da subjetividade, circula entre os elos de um passado, conduzindo o leitor ao tempo da memória. Do texto, emergem referências ao mundo, como locais que nos aproximam da sua memória como se nos apropriássemos dela. No entanto, o texto não nos limita às fronteiras do real e nos permite ultrapassá-las no desejo de descobrir um possível sentido que transcende as palavras. São incontáveis os indícios que a narradora espalha pelas trilhas textuais. São, por vezes, indícios tênues, mas, se estivermos atentos, captamos, subliminarmente, a atribuição de sentidos outros. São linhas da memória que se espraiam no tempo da narrativa.

Aspectos rememorativos: uma personagem em trânsito...

A trama romanesca de *Menina que vem de Itaiara* principia dando sentido a uma fase,

um ciclo que se abre, se realiza e se encerra para que outro se inicie. Irene em seu “ir”, chega às terras de Itaiara. Assim, inicia a obra literária: “Morávamos no Buritizal quando meu pai, num dos seus arrancos da mocidade, se mudou para Itaiara”. (CELINA, 1996, p. 09). Os primeiros passos da personagem Irene surgem em trânsito, do Buritizal para Itaiara. Vem ao mundo fictício por uma viagem em noite de breu. Mais que um deslocamento físico, a viagem retrata a busca e a descoberta de um novo horizonte, talvez uma margem interior. Mudança brusca em noites literárias, nem tão boa nem de todo mal, em transposição de si para si mesma, em passagem. Tantas viagens literárias, como as de Ulisses, de Hércules, de Menelau, são interpretadas como buscas interiores, procura de conhecimento sobre si, para si e, talvez, para fugir de si mesmo. Assim Irene, a viajante Lindanor abre os olhos para um mundo em trânsito. Um rito de passagem: de Castanhal à Bragança, pela estrada de ferro; depois, para a capital do estado; para o Brasil; e, por fim, para a Europa. A viajante, sempre em trânsito, sempre de passagem, sempre a se reconstruir, a se ressignificar e se (re)descobrir em outros lugares, segue e permanece na literatura, habitando em um mundo inventado dentro da realidade vivida por ela.

Como viajante, Irene abre os olhos para o mundo em Itaiara, e se dá conta de que está em uma casa comum, de cujas portas e janelas a menina deslumbrada assiste à passagem da procissão do Senhor Morto, pessoas passando para a igreja, matracas estralando pelas ruas em

plena sexta-feira santa. Ao se deparar com o homem morto, no centro do altar, se apavora. O trauma revela o mundo, a menina de vestidinho quase novo, laço de fita no cabelo, meias de seda, cordão de ouro totalmente assombrada com o Senhor Morto. A marca da primeira reminiscência de Irene é um homem morto no centro da igreja, pessoas em volta e uma criança em prantos de agonia.

Alguns lugares são demarcados na trama narrativa: a Rua das Pedras, a casa do Chico Braga, o casarão de azulejo dos Coutinho, a casa escura dos Guedes e o viver “insosso e tranquilo” da cidade de Itaiara. Algumas personagens ganham relevo: o pai viajante, de quem herdará o espírito aventureiro; a mãe Dona Adélia, sempre dedicada aos cuidados da casa; os vizinhos, colegas de quarteirão que lhe acumulavam de agradados; Rosa parceira de travessuras; Célia marcada por uma história triste, ou ainda, Isa Apetitosa e Nicota Quinderé. Enfim, são vivas que transitam nas narrativas que compõem *A Menina que vem de Itaiara*. Dentre essas narrativas, destaca-se a que se refere ao casamento da filha do irmão do Coronel Coutinho, festa que teve fartura de comidas, cortejo e foguetório: “As pretas num vai-vém de travessas com assados, centros repletos de doces, de fios de ovos. E o foguetório, logo mais, às cinco, quando o cortejo saiu da matriz”. (CELINA, 1996, p. 13). Cenas típicas dos costumes da cidade do interior: senhoras e moçoilas que não foram convidadas, comentando: “Quem havia de dizer que o professor Anísio soltaria foguetes, como

qualquer caboclo do sítio, no casamento da filha!”, e continuavam nos comentários entre vizinhas que espreitam o casamento: “Olhando o cortejo que, vindo da igreja, já estava para dobrar o canto da casa do pai da noiva, na Senador: ‘Me diga, dona Adélia, visto de longe, não é direitinho o São Benedito pedindo esmola?’” (CELINA, 1996, p. 14).

Em um lance corriqueiro e banal do cotidiano da pequena Irene, deixa escapar a ironia presente no discurso das vizinhas que “abicomam” o casamento da outra, um rastro de memória das esmolações de São Benedito. Com ar de pouco-caso, elas insinuam o foguetório e o cortejo de pessoas em volta da noiva como uma comitiva que leva o santo em busca de donativos, soltando foguetes, avisando a sua presença e seus rituais.

A Marujada: religiosidade e transgressões infantis

Que rio é aquele que comigo carrego em sonhos? Caeté? Xumucuí? Peixe-Boi?? Quatipuru? Guamátapajós? Ou são todos eles, todos...

Lindonor Celina⁸

São rastros de memória da Marujada que perpassam a narrativa ficcional e silenciam o que está por trás das esmolações. Sugerem somente o fato de “qualquer caboclo do sítio” e “o São Benedito pedindo esmolas” para desdenharem do casamento. São prenúncios que surgem já nas primeiras páginas do livro; pormenores que escapam e se transformam em rastros de memória.

⁸ CELINA, L. 1988, p. 151.

No correr da narrativa, em outro trecho, a menina Irene enfadada dos estudos no grupo escolar, fugia das aulas com a amiga Rosa. Já estava próximo o fim do ano letivo e, sem a obrigação de usar o uniforme que as identificava, combinou, de véspera com a amiga, que não entrariam na escola no dia seguinte, e assim fizeram: “Fomos para o largo de São Benedito, onde já estavam ficando os paus para as barraquinhas, armando o carrossel, a festa não tardaria muito”. (CELINA, 1996, p. 110).

O anúncio da festividade, evidenciando que a festa do santo estava próxima, e mais o ar festivo do mês de dezembro e, com ele, as esmolações, tudo isso dá uma grande ideia à jovem Irene. Ela estava ansiosa para comprar cocadas, mas elas não dispunham de dinheiro. Se pedissem a alguém, a transgressão poderia ser descoberta. “Foi aí que me deu uma ideia do diabo: ‘E se a gente fosse tirar esmola pra santo, pra São Benedito?’ Rosa me olhou espantada, mas o espanto nem durou, depressa aceitou. A cocadas do Josino esperavam na calçada da igreja”. (CELINA, 1996, p. 14). A engenhosidade de Irene surpreende Rosa, mas, como também desejava saborear as cocadas, não rejeita a ideia mirabolante. Pelo contrário, anima ainda mais a aventura de ambas, planejada às escondidas, ingenuidades de crianças, somadas à perspicácia de quem faz algo em segredo. Por isso, que Rosa ainda mais engenhosa reflete:

- Sim, vamos tirar esmolas pra santo, pra São Benedito não, não vê que esta festa ainda está meio longe, falta quase um mês. (Além disso, quem saía pedindo para São Benedito eram os pretos, vindos do sítio,

arrebanhando outros pelos caminhos, e chegavam à cidade em cortejo formado, a bandeira branca, enfeitada, voando na frente, os foguetes pipocando, a cantoria ao som dos atabaques, cuícas roncando. São Benedito não servia, dava na vista, ninguém ia acreditar).

- Que santo então, Rosa?

- Ora, Nossa Senhora da Conceição, a novena na matriz começa primeiro, dona Santinha disse no catecismo, não te lembra? A festa é dia oito, está muito mais perto que São Benedito.

A Rosa tinha razão Nossa Senhora da Conceição vinha a calhar. E quem fazia o petitório para essa novena erámos nós, da igreja, eram os catequistas, as Filhas de Maria, algumas vezes coadjuvadas por meninas do catecismo. (CELINA, 1996, p. 110-1)

Irene e Rosa, em suas peripécias juvenis, deixam transparecer marcas culturais que perpassam a cidade de Itaiara, rastros de memória que enredam a ficção. Mostram a esmolação, aliam o desejo de ter algo com os costumes das festas de santo. A esmolação mais uma vez surge no texto provocando um olhar da menina que observa as diferenças entre os praticantes do ato. É notória, a distinção com que Irene se refere à esmolação ao santo preto e o “petitório” para a novena de Nossa Senhora da Conceição. De um lado estão os pretos vindos dos interiores, com bandeiras, atabaques e cuícas, soltando pistolas anunciando a presença aonde chegam. Do outro lado, estão as meninas da igreja, Filhas de Maria, obedientes ao catecismo católico. Nesse contexto, fica muito mais fácil de burlar as regras, se pedissem em nome de Nossa Senhora da Conceição do que de São Benedito.

O trecho mais longo da narrativa de Lindanor Celina que trata sobre as impressões de Irene referentes à Festividade de São Benedito principia com as observações da

narradora sobre o fim de um romance entre amigos da família: Seu Álvaro e Célia. E, não obstante, suas preocupações passam a ser o Natal, o fim do ano letivo e suas boas notas, os passeios no Largo de São Benedito em busca de encontrar um pretendente. Aquele período festivo promovia os passeios e os encontros, uma vez que São Benedito congrega, confraterniza. E Irene anuncia que, apesar dos acontecimentos de separação amorosa e todo o lamento em torno disso,

[...] o São Benedito foi de com força. Afirmava-se que o número de figurantes da marujada havia dobrado, e a Tia Joana, apesar de grave enfermidade que padecera no inverno passado, nem parecia, ver uma moça, o pé, se possível, ainda mais ligeiro, no lundu, no retumbão. (CELINA, 1996, p.173).

A narrativa alinhava rastros de memória da Marujada de São Benedito, como uma festa em plena ascensão em número de marujos. E mesmo aqueles que, porventura, passaram por grandes dificuldades, enfermidades (como a tia Joana), se enchiam de vitalidade para dançar ao som das batidas ritmadas do retumbão. O pé movimentava-se, rodopiava no salão e rejuvenesce até os mais senis. A (fé)sta ao santo desencadeia a dança, o movimento dos pés, provavelmente, descalços como de todo bom marujo promesheiro ou da irmandade.

Marujada sinaliza as lembranças de Irene, através da marca da capitã Tia Joana. “Marujada ficou nas minhas lembranças, mais, muito mais que certas gentes, episódios, paisagens daquele tempo. Quantos anos não a vejo? Tia Joana há muito é morta” (CELINA, 1996, p.178-9). Irene, não mais menina, sabe através do discurso descritivo da carta remetida

pelo pai sobre a morte da líder, já senil. Enquanto, Irene virava mundo, Itaiara permanecia em seu parcimonioso cotidiano, mas “Tia Joana há muito é morta”, e isso muda a rotina. Faz-se perceptível na carta do pai de Irene, a grandiosa estima e a autoridade que a velha capitã da Marujada exercia socialmente. Afinal, como diz Irene, “não houve quem não sentisse”; a palavra povo repete-se para demarcar a classe da qual a capitã fazia parte. Todos participaram, em comoção, do cortejo fúnebre, que congrega todas as classes, do canoeiro ao prefeito. Na Marujada e na morte diluem-se as categorias sociais, todos, ricos e pobres, rendem graças ao santo preto, já que, na morte, todos são iguais.

A ideia de *virar* o mundo se torna mais crucial, mais premente. Anseia ir à capital do estado, para dar continuidade aos estudos. Os dias, no entanto, passam e Irene se lembra de outros momentos e, uma vez mais, vem à tona o ritual das ladainhas e dos caboclos que entoavam a cantilena nas terras de Itaiara:

Ai, as ladainhas daquela terra! Bonito, os caboclos, quatro, cada qual numa voz, perante o oratório ajoelhados, entoando, em uníssono: “Pesa meu Senhor, de vós ter ofen-di-i-i-ido...” Lá se iam, na cantoria, espécie de melopeia, mal articuladas palavras que só muito tempo depois soube ser o ato de contrição. Admira-me até hoje como criaturas que jamais estudaram solfejo, cantavam a quatro vozes com tal harmonia. Belas vozes rudes de homens de pé no chão, calcanhar rachado, roupa de mescla, muita vez destilando cachaça. (CELINA, 1996, p. 184)

As observações descritivas de Irene rememoram ladainhas como as entoadas nos rituais que antecedem a Festividade de São Benedito. Os caboclos ajoelhados em frente ao

santo, invocando a sua redenção, contritos dos pecados seus e dos alheios. A fé movia-os harmonicamente em torno do canto de perdão. E Irene, admira-se de perceber que os caboclos, negros e sem estudo, conseguiam entoar com tamanha harmonia. O discurso de teor hegemônico registra as vozes belas de homens rudes com pés rachados fincados no chão, descalços como seus antecessores. Cheiros de rezadores, rastros sinestésicos de memória que são lançados pela menina Irene: “Um fartum de suor, de aguardente, tornava irrespirável a sala da Emília Galdino, por isso, malgrado seus protestos gentis, permanecíamos sempre no sereno” (CELINA, 1996, p. 185). São os odores dos suores dos caboclos que deixam pistas nas narrativas das origens destes homens e de sua prática religiosa. E assim, o devoto que recebe a ladainha também agradece a presença dos homens, não pode faltar o café, o mingau para os visitantes e para os rezadores. Era assim, que os devotos agradeciam a presença do santo:

A ladainha estava para acabar, as louvações à Mãe de Deus chegavam ao fim: *Regina Pacis, ora pro nobis. Agnus Dei qui tollis peccata mun-um-undê, miserê no-o-o-obês*. Por entre o ruge-ruge, conversa, exclamações, e a voz fininha da velha Coló, mãe da Emília, chamando um dos netos, já rapazinho: “Ô Zito, depressa um cafezinho pros home, meu fii”. Os homens que deviam ser servidos com tal prestreza eram os rezadores, os que haviam tirado a ladainha (CELINA, L. 1996, p. 185).

Portanto, está na hora de trazer a merenda, o café novinho, o biju de macaxeira, a manicuera, a cuia de mingau. A ladainha vai terminar. É diante dos fatos corriqueiros da vida da menina que vem de Itaiara-Bragança, que enveredamos pelos (des)caminhos da

memória que leva até o altar de flores de papel crepom do Santo Preto, da bela Marujada de chapéu de fitas coloridas, dos homens com seus suores e pés descalços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez que para se falar da alma, só através dos personagens de um romance.

Lindanor Celina⁹

Por mais que falemos de Lindanor Celina, há, ainda, certamente, muito mais a falar. Fizemos um percurso, apresentando, ainda que muito *en passant*, a trilogia sobre a qual nos debruçamos, dedicando uma reflexão maior aos rastros que permeiam a narrativa memorialística. Atentando para o aspecto formal da obra, percebemos que seria possível aproximá-la, musicalmente, de uma sonata. São três os momentos/movimentos distintos. Acompanhamos os passos. Marcamos os compassos. Evidenciamos alguns dos traços. E percorremos espaços. Ao se entrelaçarem, tais aspectos, polifonicamente (em toda a obra, mas, especialmente, em *Estradas do Tempo-Foi*), sugerem, num crescendo, a constituição do formato musical concertante, ou, mais especificamente, pelo grau de intimismo que se evidencia na obra, da sonata. Vozes em harmonia, mas, por vezes, vozes também dissonantes. A leveza do estilo da autora, seu lirismo pessoal, sua capacidade de se auto questionar, de refletir - “mas não é da humana lei fazermo-nos adultos pela dor? Viver longo melhora?” (CELINA, 1992, p. 37) -, sua capacidade de captar e relatar (de forma única)

⁹ CELINA, L. 1992, p. 138.

os fatos mais simples do cotidiano e transformá-los em crônicas, verdadeiras joias literárias, são valores constatados por quase todos os críticos que se debruçaram sobre sua obra.

REFERÊNCIAS

CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*. 3ª ed. Belém: CEJUP, 1996.

CELINA, Lindanor. *Estradas do Tempo-Foi*. Rio de Janeiro: JCM Editores, 1969.

CELINA, Lindanor. *Eram seis assinalados*. Belém: CEUJP, 1994.

CELINA, Lindanor. *A viajante e seus espantos*. Belém: CEJUP, 1988.

CELINA, Lindanor. *Diário da Ilha*. Belém: CEJUP, 1992.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

JURANDIR, Dalcídio. “Menina que vem de Itaiara (prefácio)”. In: CELINA, Lindanor, *Menina que vem de Itaiara*. Rio de Janeiro: Conquista, 1963.

PINTO, Lúcio Flávio. “Lindanor Celina: mulher ao plural”. In: *Jornal Pessoal*, ano XVI, nº 299, abril de 2003, p. 10.